

As primeiras projeções na cidade de São Paulo

Máximo Barro

Em todas as partes do mundo o cinema foi antecedido por vários produtos que, funcionando como antenas previsoras, abriam caminho para a grande novidade. Em São Paulo os fatos sucederam-se segundo o manual de qualquer história do cinema: instrumentos óticos, grandes painéis, sombras chinesas e outros artefatos encobertos por pomposos nomes de geratriz latina ou grega.

Em 1834 Jean Jacques Vioget pede licença para abrir na cidade uma “câmara ótica para divertimento público”, certamente uma lanterna mágica incrementada.

Já no fim do século, alguns pacatos cidadãos, como Benjamin Schalk, possuem uma lanterna mágica com 250 discos, enlevo dos familiares e vizinhos.

A partir de 1890 os jornais anunciam com certa constância o “Teatro Mecânico Cardinalli”, “Panorama-Diorama” e os fonógrafos, irmãos xifópagos do kinetoscópio. Por último, o cinema.

No dia 7 de agosto de 1896, na primeira página do jornal *O Estado de S. Paulo* aparecia um artigo, evidentemente pago, intitulado *Um Pouco de Ciência*. Nele fazia-se uma síntese daquilo que hoje chamamos de pré-história do cinema. Falando em Marey, Lumière e Edison, entre outros, citava inúmeros aparelhos científicos que redundariam no cinematógrafo, que obtinha enorme sucesso em Paris e em outras grandes cidades européias. O trabalho era uma tradução de um artigo francês de George Villoux.

Este artigo continuou no dia 9, quando informou que um kinetoscópio funcionara meses atrás na paulicéia. Nada obtivemos nos vários jornais consultados que confirmasse esta informação.

Ao artigo do dia 9, que deixava entrever claramente uma continuação, fez-se um longo intervalo e só a 17 de agosto teríamos a terceira parte. Na conclusão, em notícia de rodapé, anunciava simplesmente que o cinema já se encontrava em São Paulo, funcionando num prédio.

Não encontramos neste jornal nenhuma referência, nem mesmo junto aos anúncios de teatros, que localizasse a rua, horário, preços e demais informações comuns ao gênero de diversões.

Porém, no dia 8 de agosto, ainda na primeira página, aparecia um artigo com o título:

Photographia Animada

“Realizou-se hontem a noite, com a assistência do Presidente do Estado e de alguns convidados, a repetição geral do cinematographo, aparelho que reproduz num

alvo scenas variadas dando-lhes realce e cunho de vida, o que valeu a este processo de photographia o nome de Photographia Animada.

Constou o programa das seguintes vistas:

O banho dos sudanezes.

O cachorro: dois cachorros nadando.

O carroção.

O trem: um trem parado numa estação com o vaivém dos passageiros.

Os meil-coack de volta das corridas.

O bebezinho: uma criança brincando com cachorros numa sala.

A Praça da Bastilha.

Sem entrar em detalhes, pois a todos será em breve dado deliciar-se com estes espetáculos, resumiremos as nossas impressões nestas palavras: admirável, assombroso.

É digno de louvores o photographo Sr. Renouveau que introduziu nesta Capital o primeiro Cinematographo que trabalha na América do Sul.”

Apesar da clara orientação comercial do anúncio, este é um dos raríssimos documentos críticos sobre uma projeção cinematográfica em São Paulo, até fins de 1899, que conseguimos. Nele algumas coisas ficam confusas para o pesquisador que procura dados exatos. Por longo tempo ficamos confusos com a aparente incoerência de noticiar-se “a repetição geral”, quando na verdade aquela era uma sessão inaugural. Abordando o assunto com pessoa amiga, ela nos sugeriu que “repetição geral” bem podia ser uma tradução literal e errada de *répétition générale*. Pesquisas posteriores confirmaram a suposição. *Répétition générale* na França corresponderia aqui no Brasil a uma primeira sessão especial, para público selecionado, normalmente em trajes de cerimônia.

Após a enumeração dos filmes, anuncia-se que “em breve seria dado deliciar-se...”, coisa que não coordena com a realidade, pois no dia 8 a *Platêia* e o *Diário Popular* inserem os primeiros anúncios da projeção de cinema em jornais de São Paulo.

Do emaranhado de informações que uma redação inábil quase transforma em hieróglifo, podemos concluir que a primeira sessão de cinema em São Paulo deu-se de forma privada a 7 de agosto, com a presença de Campos Sales, secretários de Estado e familiares, podendo equiparar-se às que Lumière deu, por exemplo, em março e setembro de 1895, quando dos congressos de fotografia. A pública e paga aconteceu no dia imediato, 8 de agos-

to, sábado, que na época devia ser o mais propício, pois a maioria das estréias teatrais acontecia nesse dia da semana. Foi também num sábado, a 28 de dezembro de 1895, que o cinema Lumière teve seu batismo público na França.

Para *O Estado de S. Paulo*, jornal que já naquela época era o porta-voz da alta classe média, foi dada a tradução de um artigo que deve ter preludiado o lançamento do cinema Lumière em vários países, além da notícia da sessão oficial, provavelmente no Palácio do Governo, no Largo do Colégio. Para os jornais populares, como a *Platêia* e o *Diário Popular*, ficaram os anúncios com reforço de uma cercadura preta indicando horários, preços e o local.

Descrevendo o processo, o artigo do *Estado de S. Paulo* comenta o aparelho “que reproduz num alvo scenas variadas...” Logicamente a terminologia cinematográfica iria se estratificar com o tempo. Pela frase do articulista, vemos que a palavra tela, proveniente da pintura e hoje em uso, foi antecedida nos seus inícios por “alvo”, de nítidas conotações com um dos esportes mais praticados pelas altas rodas, o tiro ao alvo.

As reproduções no alvo davam “realce e cunho de vida, o que valeu a este processo o nome de “photographia animada”. Esta também é uma tradução literal, só que correta, e com toda certeza estava indicada nos prospectos que deveriam acompanhar as vendas e empréstimos de equipamentos e filmes Lumière.

Aquele “em breve será dado...” é decididamente um cravo na consciência da história, pois este anúncio seria reproduzido praticamente de maneira integral na *Platêia* do dia 8, tendo quase ao lado o anúncio das sessões e do local, onde após agradecer o convite enviado pelo pioneiro do cinema em São Paulo fala também no presidente do Estado. Os adjetivos laudatórios, que acompanham as conclusões do comentarista, real ou forjado, são os que se encontram também em todos os documentos que americanos, italianos, belgas e outros deixaram das suas primeiras projeções, isto é, misto de espanto e encantamento. Ainda no dia 8 a *Platêia* traduzia um artigo de Ernesto Daudet, publicado no *Petit Journal*, não tão substancioso quanto o do *Estado* e, portanto, mais condizente com a categoria popular do jornal.

Em 1887, contávamos com quatro fotógrafos. A julgar pelos sobrenomes, três alemães e um francês — George Renouveau. Esta referência, que antecede de quase um decênio o ingresso do cinema em São Paulo, é a mais an-

tiga que temos de seu introdutor, naquela época com ateliê na Rua Direita n. 6.

Em 1891, o número de fotógrafos aumentou para cinco, e Renouveau, agora na Rua Direita n. 9, continuava sendo o único não germânico. Esta mudança de endereço deve ser engano de tipografia, pois sua filha nos afiançou que eles habitaram sempre a mesma casa. Em 1895, contávamos onze, com vários sobrenomes latinos, sendo que Renouveau mudou-se para a Rua Marechal Deodoro n. 2.

Boa parte das referências que temos sobre Renouveau devemos à sua filha, Maria Renouveau Nascimento, que na época da primeira projeção contava sete anos e dela recordava-se com minúcias fotográficas.

Segundo ela, o estúdio fotográfico de seu pai estava instalado no primeiro andar do prédio da Rua Marechal Deodoro. Próximo funcionava uma casa lotérica. No dia 7 de dezembro, aquela casa vendeu um bilhete de sorte grande que foi comemorada com bombas, rojões e buscapés. Um dos fogos foi ter ao primeiro andar provocando rápido e pavoroso incêndio que incinerou completamente o imóvel, ativado pelas cortinas, tapetes, madeirame e material químico, todos altamente inflamáveis.

O incidente abala-o física, material e espiritualmente, e Renouveau, esposa e filhos viajam para a França.

Conforme o depoimento de sua filha, Renouveau nada conseguiu receber das empresas seguradoras porque toda a documentação queimara-se. Do período francês nossa informante pouco tem a acrescentar, posto que lá ficou internada num colégio. Mas não são necessários altos vãos de imaginação para relacionar o ofício de Renouveau com os negativos e demais apetrechos fotográficos que ele devia importar da usina Lumière, na época a mais conceituada do mundo, sendo praticamente possuidora de um *trust*. Por ocasião da viagem, deve ter aproveitado para conhecê-la amplamente, tomando conhecimento das projeções de “photographias animadas”, participando da estupefação geral a respeito da novidade e do grande sucesso comercial que a acompanhava.

Segundo ela, Renouveau tornou-se dono de um projetor e de vários filmes, retornando revigorado ao Brasil na expectativa de novos horizontes.

Acompanhando o exemplo parisiense, Renouveau fará seus espetáculos, quiçá mesmo o oficial, com a presença de Campos Sales, em pequena sala adaptada. Lumière lançou a arte representativa do século XX no subsolo de

As primeiras projeções na cidade de São Paulo

um café-bilhar, que media aproximadamente 100 metros quadrados. A saleta da Rua Boa Vista não devia diferir muito. Também ele pôs de lado a idéia de apresentar a novidade num teatro ou congênere, e entre outras coisas, é provável que a saleta improvisada apresentasse aspectos e condições mais condignas do que as várias casas que funcionavam em São Paulo.

A perspicácia de Renouveau teria visto algo de especial na Rua Boa Vista? Cremos que sim. Ela ficava praticamente ligada ao famoso triângulo das ruas São Bento, Direita e XV de Novembro, centro de toda a atividade paulistana do fim do século, já então asoberbada pela estreiteza das ruas, em luta com uma população que aumentava de forma delirante. O traçado da Rua Boa Vista, naquele tempo, diferia bastante do atual. Começava na Rua XV de Novembro e formava um cotovelo até encontrar a atual Rua Boa Vista, endereçando-se ao Largo de São Bento. Com a reforma de 1912, estenderam-na até o "Pateo do Colégio", através do Viaduto Boa Vista, e o trecho inicial que ia da Rua XV até a Boa Vista passou a denominar-se Rua 3 de Dezembro.

A artéria escolhida por Renouveau, além de ligação praticamente obrigatória para quem vinha do Largo de São Bento em direção à Sé, Palácio do Governo e Carmo, dispunha de escritórios de intenso movimento diurno, devido aos setores de comércio e indústria que lá existiam. Armazéns, ourives, lojas de móveis, papelarias, tipografias, agentes, redações de jornais movimentavam considerável massa tanto no atendimento como na serventia. Qual a senhora acompanhada da filha, que lá fora comprar um chapéu, que não despenderia 30 minutos para uma seção de "photographias animadas", em época tão carente de "divertimentos sadios" e condução fácil? Haveria algum casal que, após consultar o médico, advogado, engenheiro, parteiro, não iria desenfasiar-se no 48? Ou o idoso burguês que lá fora comprar uma arma, livro técnico ou mesmo tomar um banho na "Sereia", dado que a torneira da sua casa nos Campos Elíseos ou Higienópolis era puro requinte estético? O cair da noite traria outra fauna atraída pelos bilhares, bares, teatros e jogos e que lá pontificavam até a hora do último bonde.

É compreensível, portanto, que nos seus primeiros dias, as sessões apresentassem horários às 13, 14 e 15 horas e depois às 18, 19, 20 e 21 horas. Nos fins de agosto as diurnas foram suprimidas, anunciando-se o término da novidade para o último dia de setembro. O preço manteve-se sempre em 1\$000. Maria Renouveau afirma que

as sessões eram concorridas e que o fracasso deveu-se à irregularidade da energia elétrica.

Jean Georges Renouveau nasceu na França, na cidade de Bergerac. Seu pai era *maitre-d'hôtel* e a mãe, doméstica.

Na Rua Neuve daquela cidade ainda hoje existe a farmácia Jean Pic que ostenta um cartaz onde afirma ser *Ancienne Pharmacie Renouveau, fondée en 1814*.

Foi nos fundos desta farmácia dos tios que Renouveau nasceu a 9 de dezembro de 1845. Nada sabemos a respeito de sua formação francesa, nem mesmo em que ano emigra. Apenas podemos supor que, já na França, era fotógrafo, pois tendo parentes farmacêuticos, seu ofício tornava-o uma extensão daquele. O conhecimento dos ácidos era importante para a nascente arte, praticada que era de forma artesanal.

O pesquisador gaúcho Antonio Jesus Pfeil o localiza em 1878 em Porto Alegre com a "Fotografia Renouveau", à Rua de Bragança, n. 136.

Teria ele imigrado diretamente para o Sul ou provinha da Argentina e Uruguai? Quem sabe Rio de Janeiro ou São Paulo?

Sua próxima aparição documentada, como já vimos, acontecerá em 1887 em São Paulo.

Após as projeções paulistanas ele se deslocaria a Porto Alegre, onde quase se tornou também pioneiro, sendo antecedido em 24 ou 48 horas (as notícias são confusas) por Francisco de Paola e S. Dewis.

Somente em 1897 haverá outra projeção comprovadamente histórica.

O professor Kij & Joseph são precursores do fonógrafo, quicá do kinetoscópio, praticando simultaneamente a magia, malabares, cartomancia etc. Sua participação em teatros do interior do Estado é também encontrada, como a de Faure Nicolay, constantemente em jornais do interior.

O salão de concertos da Paulicea, na Rua 15 de novembro, é alugado por eles para projeções do Vitascópio. Este aparelho de Edison era uma contrafação do aparelho de Lumière, porém, sonoro.

Com esse aparelho, Kij preencheu 15 dias repletos de percalços, das 20 às 22 horas, entremeado pelo sexteto da Paulicea.

Mas, já nesse ano, o cinema ganha cidadania formal, isto é, paga imposto.

*As imagens tremiam
e a fita rompia-se
em muitos momentos*

Em janeiro de 1898 Faure Nicolay estará em São Paulo com o cinematógrafo. Que outras cidades percorreu? Qual a aceitação? Nada sabemos. Só poderemos equiparar seu trabalho aos que os europeus e americanos nos mesmos anos realizavam levando como caixeiros viajantes o cinema de cidade em cidade.

Provavelmente é a uma dessas exposições, que não deixaram rastro em jornais ou revistas, que Jorge Americano se refere narrando suas impressões quando viu pela primeira vez o cinema, talvez entre 1897 e 1898.

“A primeira vez que ouvi falar em fotografia animada foi por Helena, minha prima, quando nos balançávamos na rede a um canto da sala. Era mais velha um ano que eu, e contou-me que tinham inventado um retrato que mexia. Era como se o retrato da gente balançando na rede ficasse pendurado na parede, balançando sempre. Não era como a lanterna mágica, que só mexia quando a gente empurrava um cabinho ao lado. Comprava-se o quadro, pendurava-se na parede e as figuras ficavam mexendo sempre, como na hora em que se tirou o retrato.

A fotografia animada apareceu diferente do que Helena me disse. Rua XV de novembro: uma campanha na porta e um homem gritando: ‘Vai começar! Quinhentos réis para adultos e duzentos réis para crianças com direito à pesca maravilhosa! Vai começar!’ Na ante-sala havia uns sarrafos cobertos de pano, fingindo um pequeno tanque furado no meio, e anzol, e o homem, lá dentro, depois de ouvir o outro que gritava de fora: ‘É menino!’, amarrava um macaquinho de arame enrolando em lã de bordar. Se menina, amarrava uma bonequinha, também de arame e lã. Lá dentro, a sala retangular, com cadeiras austríacas. Molhavam o pano com esguicho de jardim e começava: um trem passando a ponte, um batalhão, uma procissão, tudo tremendo, tremendo e rompendo-se a fita a todo o momento. Havia cabeças fotografadas mais perto, que tomava a tela toda. Cabeças de assistentes retardatários passavam pela frente e interceptavam a projeção, fazendo sombra.

Não eram distribuidores nem exibidores. Eram donos das fitas. Alugavam salas, exibiam as mesmas fitas até esgotar-se o interesse e levantavam a tenda.

Entretanto, há um fato, incontestável: é que os lugares onde se instalaram aqueles três cinemas ficaram abençoados. Sobre cada um deles construiu-se um banco.”

O ciganismo na exibição do produto, a mutilação de cópias em péssimo estado e o *approche* com o espetáculo de variedades solidificaram a certeza de que a programa-

ção do cinema em São Paulo, e certamente no Brasil, deu-se dentro de características semelhantes às aquelas registradas na Europa e Estados Unidos.

1898 parecia ser o ano da consolidação do cinema entre nós. Pelo menos o primeiro trimestre assim levava a crer.

Logo nos primeiros dias de janeiro anunciava-se o espetáculo da Companhia de Variedades Francesas de Faure Nicolay, da qual já nos ocupamos quando foi citada pelo jornal *Opinião*. Só agora, três meses após o incidente causado pela projeção do “retrato” do general Floriano, ele chega a São Paulo.

Theatro Apollo

Cia. Variedades Francesas do ilusionista Faure Nicolay “O Diaphanorama Universal”. Deslumbrantes quadros fantásticos em perfeita combinação com o célebre cinematographo, maravilhoso aparelho que reproduz os movimentos da vida e as Photographias animadas apresentadas p/ distinto Professor elétrico, o célebre matemático Mr. Luiz Nicolay.

Nas seções de espetáculos e variedades, misturada a notícia circense, operísticas ou mais acentuadamente, noticiando as novidades do teatro parisiense, surgem algumas notas em *A Platéia*, *A Noite* e *Diário Popular* onde fica patente a aceitação entusiástica do público para com o cinema. Esta foi também uma das temporadas mais curtas da então novidade, pois o tal Diaphanorama só funcionou de 8 a 15 de janeiro, quando a Companhia deixa São Paulo.

Outra exibição de espetáculo cinematográfico historicamente comprovada aconteceu no mês seguinte, novamente no Apollo. Uma equipe que escondia sua modestia sob o nome de “Grande Companhia Excentrica” desfilava nos anúncios de vários jornais uma litania de cançonetistas, equilibristas e mágicos. Por último, de forma humilde, aparecia o “Cinematographo Lumière”, acrescentando que se tratava do “melhor até hoje apresentado no Brasil, segundo opinião do público e da imprensa”. No mesmo anúncio, mais abaixo, citava-se também um “phonographo Edison”, funcionando a partir das 10 horas da manhã. Repetia-se mais uma vez a aproximação fonógrafo-cinema, comum em todo parque de diversão até os primeiros anos deste século.

Quatro dias após a estréia da “Grande Companhia Excentrica”, a 18 de fevereiro, começava o carnaval. Neste período o Apollo serviu como salão de baile, apregoando-se com estardalhaço que o recinto seria iluminado com

luz elétrica, fato que diz bem da excepcionalidade do seu emprego, provando a assertiva de Maria Renouveau e de historiadores de cinema brasileiro.

No período carnavalesco alguns jornais diziam que antes do baile artistas da "Excentrica" cantariam. Outros anunciavam o cinematógrafo. Possivelmente houve intercâmbio, entrando o cinema e os artistas em noites alternadas.

No dia 24 os anúncios do Apollo refletem uma evidente melhoria na aceitabilidade do Cinematógrafo Lumière. Ele deixa de constar em último lugar, com letras miúdas. Agora vem evidenciado, em negrito, corpo 14. *A Nação* publica os maiores anúncios, dando como adendo a relação dos filmes que serão projetados. A exemplo da sessão Renouveau, a maioria dos filmes programados pode ser identificada no Catálogo Lumière. No dia 2 de março anunciava-se:

Desfile das tropas alemãs perante Guilherme Segundo.

Saída de uma missa na Catedral de Roma.

Cortejo do casamento do Príncipe de Nápoles.

Passagem da Rainha Vitória.

Tempestade no mar — Viajantes e ladrões.

Desembarque do Presidente da República Francesa em Carnet.

Batalha de flores e desfile das carruagens no High-life parisiense.

Briga de mulheres.

No dia seguinte, 3 de março, alguns jornais, especialmente *A Nação*, noticiavam outro programa.

Presidente da República Francesa passeando nos Campos Elíseos.

Chegada à Exposição em vapor.

Desembarque do Presidente da República Francesa.

Entrada na exposição de Paris.

Desfile do regimento de cavalaria francês.

Exercício de artilharia em linha de fogo.

Metamorfose de Fausto e aparição de Margarida.

Mas naquela noite o projetor deve ter apresentado algumas irregularidades. No dia seguinte os jornais que normalmente faziam a cobertura do Apollo estão reticentes. Através de evasivas, eles anunciavam a suspensão da ses-

são no dia 4. É somente com *A Noite* que o motivo fica claro:

"Sabemos que hoje não há função no Theatro Apollo em vistas de não ter aprovado uma das lentes novas vindas da Europa para o cinematographo Lumière".

A notícia fixa com amplidão a profunda força que o cinema já conseguira. Ele que começara humildemente citado no último lugar em poucos dias tornara-se o catalisador principal, e agora atingia o cume. Todo o espetáculo era suspenso porque um defeito obrigava a paralisação do projetor.

No dia 5, último da "Excentrica" em São Paulo, *A Nação* apresentava a programação para a noite de despedida:

Saída da catedral de Roma em dia de missa.

A Via Dolorosa e a entrada do Santo Sepulcro.

Saída do mercado da Turquia.

Atribuições de um criado como porteiro.

Jardineiro italiano.

Cortejo do casamento da princesa da Inglaterra.

Cenas infantis.

Grande tourada na Espanha.

Briga de mulheres.

A exemplo de outras projeções, na sessão de notícias dos espetáculos podemos ler quase uma repetição, palavra por palavra, da aceitação entusiástica do público, o que corrobora nossa opinião quanto a um número maior de projeções que não foram documentadas.

Esta aceitação já ficara patente desde a estréia, pois os noticiaristas fizeram a seguinte referência ao espetáculo, após tecer algumas considerações acerca dos cantores, mágicos e outros participantes: "Mas o sucesso da noite foi sem dúvida o Cinematographo, que o público recebeu com salvas de palmas, pedindo bis de algumas vistas."

O sucesso é tão grande que em certo momento os anúncios se preocupam apenas com o aparelho, minimizando o restante da Companhia, como o incidente do dia 4 de março.

Este fato prova, já naquela época, o poder hipnótico que o cinema exercia sobre as platéias, e não fora os inconvenientes econômicos que o Brasil atravessava ele teria aqui, até a passagem do século, a mesma importância que teve na Europa e América. Prova também que o receio de alguns artistas no sentido de perderem para sempre seus trabalhos para uma máquina inerte, passiva, nun-

*No início de 1899 o Salão
Progredior também exibiu
um Cinematógrafo Lumière*

ca reclamando, sem filiações sindicais ou ideológicas, bem mais cômoda de se deslocar do que uma *troupe* de 20 ou 30 pessoas com problemas pessoais e algumas toneladas de equipamentos, era bem fundamentado, e anos depois se concretizaria.

1899 começa de forma ainda mais auspiciosa para o cinema do que o primeiro trimestre de 1898, justificando-se desta forma sua inclusão nos impostos municipais, já com seu nome oficializado e seguido de taxa: "Cinematographo — 100\$000 por mês". Fonógrafos e os vários aparelhos que já haviam perambulado por São Paulo são englobados na categoria de "photographia animada", pagando também 100\$000 por mês.

Paralelamente também informava-se:

Últimas Exibições
Do
Mutoscopio
Rua São Bento, 14

"A mais maravilhosa de todas as invenções modernas, reproduzindo com a maior fidelidade a vida e os movimentos em quadros animados de tamanho natural. Não deixem as exmas. famílias de vir visitar tão recreativo e cômico espetáculo e não percam também, pois é esta a última semana.

Programa caprichosamente escolhido entre as melhores vistas do repertório.

Funções todas as noites das 6 e meia da tarde em diante."

Como o anúncio informa no cabeçalho tratar-se das últimas semanas, pode-se deduzir que as projeções teriam começado no início de fevereiro, pois na maioria das vezes o aluguel do local não se fazia em tempo menor de 30 dias. Uma provável baixa do interesse público deve ter motivado o anúncio, ficando o fato registrado para a história. Dias após, a 27 de fevereiro, o mesmo jornal, na seção "Theatro e Divertimentos", diz que "o Mutoscopio continua ainda a exhibir as lindas vistas deste aparelho", não informando sobre o término das projeções.

Caso elas não tenham se encerrado até o último dia daquele mês fatalmente colidiram com outra que projetava-se no Progredior.

Theatros e Variedades

"Cinematographo — no Salão Progredior deve instalar-se hoje um excelente aparelho Lumière, no qual são reproduzidas com muita nitidez e naturalidade grande cópia de quadros dissolventes.

O público não deve perder a ocasião de ir ver o cinematographo porque além de ouvir o sexteto do Progredior é o mesmo dirigido por hábil artista e custa a entrada a insignificância de 2\$000."

Parece, no entanto, que o sexteto citado, às vezes transformado em quarteto, era a atração maior e perene, pois toma o nome do próprio local, sendo sempre anunciado como "sexteto Progredior". Aliás, é interessante anotar que este nome, ao lado de uma apoteose ao progresso, fala bem de exaltação positivista nos primeiros anos da república. Dias mais tarde, outro anúncio informa o programa do cinematógrafo.

Cinematographo Lumière

"No Salão Progredior serão exibidas as seguintes cenas: *3 amigos em divertimentos, Desfiladas de caçadores alpinos e um batalhão em massa, Briga de mulher, Carnaval em Nice, Partida de cães para uma caçada, O Grandioso Jubileu da Rainha Vitória, Os Banhos de Alvorada em Milão, Chegada do Trem e Batalha na Neve.*"

Ainda no primeiro trimestre de 1899 tivemos outras exibições, quicá simultâneas a estas duas, pois a 20 de março *A Platéia*, na primeira página, informava sobre projeções cinematográficas em outro café-concerto, O Eldorado. Nos elogios encomendados de sempre, repetindo as mesmas frases indefinidamente, como o *Bolero* de Ravel, após adjetivar o concertista e o ventríloco e exultar a perícia do mágico, acrescenta:

"O Sr. Maia apresentará um novo aparelho intitulado American Biograph, mais aperfeiçoado que o conhecido cinematographo."

As projeções cinematográficas oficialmente documentadas em São Paulo até 1899 foram tão diminutas que é possível o levantamento de um quadro estatístico pormenorizado:

Ano	Datas	Dias	Programador
1896	8.8 a 30.9	50	Renouveau
1897	22.1 a 7.2	15	Vitascopio
1898	8.1 a 15.1	25	Cia. Variedades Francesas
1898	14.2 a 15.3	5	Grande Cia. Excentrica
1899	1.2 a 3.2	30	Mutoscope na Rua São Bento
1899	20.3 a 20.4	30	Progredior
1899	25.4 a 25.5	30	American Biograph Eldorado

No número de dias estamos descontando os descansos semanais e os incidentes havidos na época e que che-

garam até nós, como a interrupção de dois dias em 1896 devido aos movimentos de rua, problemas com lentes em 1897 etc. Como era hábito o contrato pelo tempo mínimo de 30 dias, no caso de nenhuma outra referência, sempre tomamos um mês como tempo máximo de programação. Cremos que se erro houver no número de dias de utilização de projeções, deve ser muito pequeno.

Pelo quadro, pode-se estimar em 181 dias de projeções, dentro dos 1.228 dias que mediaram entre Renouveau e o fim de 1899, número baixo se levarmos em conta a população paulistana e cotejarmos com o Rio de Janeiro, ou cidade estrangeira. As projeções não documentadas, que ficam no território do imponderável, não estamos levando em consideração. Mas quando isso é colocado no momento de agruras financeiras, instabilidade política, rebeliões sociais, e até endemias, os números tomam outra feição.

No dia 13 de agosto de 1900 o *Diario Popular* anunciava:

Paris em São Paulo

“Nos baixos do prédio n.º 5 da rua do Rosário, em um vasto e confortável salão, inaugurou-se anteontem á noite uma casa de diversões e novidades, intitulada Paris em S. Paulo.

O público tem allí uma distração agradável, podendo por infimo preço ver as principais novidades da actual exposição de Paris e scenas diversas esplendidamente reduzidas pelo magnifico cinematographo que allí se acha instalado e que foi ultimamente adquirido na Europa pelo Sr. Victor de Maio.

Além do cinematographo estão montados dois fonopticons contendo vistas de monumentos e etc.

Uma engenhosa orchestra mechanica funciona allí.

O salão está montado a capricho, illuminado á luz elétrica, devendo funcionar todos os dias de 5 da tarde ás 10 da noite.”

Também pelo nomadismo deve ter sido a participação do cinema em espetáculos realizados na Praça da República, no tempo em que lá eram realizadas touradas, portanto sendo muito bem alcunhada de Praça dos Curros.

Montanha Russa — Praça da República

“Amanhã funcionará desde 7 horas da manhã até meia-noite sem interrupções. Grande sucesso!!

Banda de Música — Cinematographo, etc. etc. Grandes surpresas!! Brinde diários aos frequentadores!! Entrada

1.000 rs. durante a semana das 5 da tarde à meia-noite.”

Logicamente isso não foi tudo o que possa ter acontecido. Muita projeção houve, escondida, para fugir aos impostos da Prefeitura ou não anunciadas em jornais.

Nos arquivos de contribuintes constam projeções que não são citadas em jornais. O inverso é ainda mais patente.

Creemos que poderiam ser computados aos 181 dias pelo menos mais 100. Mas, mesmo assim, devemos aceitar, é pequeno para a São Paulo daquela época.

Outra vez voltamos a insistir na quadra tormentosa que atravessávamos, pagando dívidas externas de forma vexatória, queimando dinheiro, com a alfandega controlada por ingleses, quebra de bancos, falências e suicídios.

No meio desse quadro, pedir que fossem comprar equipamento e filmes na Europa é quase uma desfaçatez. O teatro sofre a mesma retração.

Mas, mesmo assim, os jornais oferecem a cada tanto, lanternas mágicas, fonógrafos e mesmo projetores.

É cômico e dramático constatar um anúncio falando do sucesso do Cinematógrafo de um “cigano” e dois dias depois vê-lo à venda por qualquer preço. Sinal dos tempos.

A melhora do mercado cinematográfico só acontecerá em 1902, com a saída de Campos Sales e o ingresso de Rodrigues Alves. As burras estatais se abriram, folgando as costas do contribuinte.

Isso leva alguns historiadores creditarem à instalação da Light em São Paulo e Rio como a deflagadora da cristalização do cinema entre nós. Erro crasso que precisa ser revisto imediatamente pois, de tanto ser repetido nas escolas de Comunicação, logo mais será verdade irrefutável. Vale lembrar que o cinema propagou-se por toda a Europa, no fim de século, ainda parcamente iluminada, com lanternas de gás.

Renouveau trabalhou com um aparelho Lumière que possuía a tríplice função de projetor, filmador e copador. Além disso era fotógrafo, tudo levando a crer que além de trazer o cinema a São Paulo também deveria ser nosso primeiro cinegrafista.

Por maior empenho que fizéssemos nada encontramos neste campo.

A primazia fica novamente com os irmãos Segreto. Vicente de Paula Araújo localiza a filmagem no dia 20 de setembro de 1899, durante uma comemoração de socialistas, sendo exibida pouco depois no Rio com o título *Circolo Operaio Italiano em São Paulo*. Não temos notícia da sua projeção em São Paulo.